

ÉTICA, ESTÉTICA E DIMENSÕES DA EXISTÊNCIA NO CINEMA, DE EDUARDO COUTINHO¹

ETHICS, AESTHETICS AND DIMENSIONS OF THE EXISTENCE IN THE CINEMA, BY
EDUARDO COUTINHO

ÉTHIQUE, ESTHÉTIQUE ET DIMENSIONS DE L'EXISTENCE DANS LE CINÉMA, PAR
EDUARDO COUTINHO

ÉTICA, ESTÉTICA Y DIMENSIONES DE LA EXISTENCIA EN EL CINE, DE EDUARDO
COUTINHO

Pérola Mathias

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Sociologia
e Antropologia, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Sua estética era sua ética

Sandra Kogut

A coleção *Cinema em Livro* da editora Sette Letras deu início à série *Eduardo Coutinho "visto por"*, lançando quatro livros, organizados por Eliska Altmann e Tatiana Bacal, em 2017. O projeto editorial reúne diferentes cientistas sociais, cineastas e profissionais do cinema para escrever sobre a obra do cineasta brasileiro morto tragicamente em 2014, aos 80 anos. Cada livro recebe como título o nome de um filme documentário de Coutinho, prevendo-se a publicação de 19 obras. Os quatro primeiros livros põem em foco os seguintes filmes: *Últimas Conversas*, comentado por Jordana Berg, Consuelo Lins e Carlos Nader; *Cabra marcado para morrer*, com textos de Leonilde Sérvolo de Medeiros e Flávia Castro; *Seis dias de Ouricuri*, resenhado por João Marcelo Ehlert Maia e Simplício Neto; e finalmente *Jogo de Cena*, analisado por Isabel Penoni e Sandra Kogut.

Os dois ensaios que compõem cada livro - à exceção de *Últimas conversas*, que reúne três ensaios - guardam uma peculiaridade. Enquanto os cientistas sociais contribuem com reflexões analíticas, destrinchando filmes e mobilizando conceitos para entendê-los, os cineastas contam histórias que envolvem Coutinho e algum aprendizado fundamental deixado por ele diretamente aos profissionais mais jovens. A partir dessas duas perspectivas distintas o leitor percebe o modo

¹ Resenha dos primeiros quatro livros da série Eduardo Coutinho "visto por", organizada por Eliska Altmann e Tatiana Bacal, Rio de Janeiro, Editora Sette Letras, 2017: *Últimas conversas*, com textos de Jordana Berg, Consuelo Lins e Carlos Nader; *Cabra marcado para morrer*, com comentários de Leonilde Sérvolo de Medeiros e Flávia Castro; *Seis dias de Ouricuri*, por João Marcelo Ehlert Maia e Simplício Neto; e *Jogo de Cena*, com ensaios de Isabel Penoni e Sandra Kogut.

como Coutinho construía seus filmes e toma conhecimento de seu posicionamento ético dentro da produção documental.

Últimas Conversas é o primeiro filme da série *Eduardo Coutinho “visto por”*. Foi concluído por João Moreira Salles em 2015 devido à morte de Coutinho. Nele, o documentarista entrevista jovens da rede pública de ensino do Rio de Janeiro, perguntando sobre sua vida, seus sonhos e dificuldades do cotidiano. Se há uma pessoa que poderia contar coisas que o espectador jamais saberia sobre os bastidores do filme essa pessoa é Jordana Berg. No texto de sua autoria, a editora de imagem revela dramas do processo de trabalho e de criação, além de peculiaridades do material de montagem do documentário e de um momento inusitado na sua parceria com Coutinho: a ida ao cenário da filmagem de *Últimas Conversas* no quarto dia de gravação. Seu papel era tentar conter a crise que acometeu o diretor no início da realização do projeto. Com a câmera ligada, no set, Jordana conversa com Coutinho e, sentada na cadeira do diretor, como entrevistadora, tenta entendê-lo. Naquele momento o diretor é captado por inteiro no seu jeito largado de sentar, no mau humor que lhe era típico, no fumar compulsivo do cigarro. Coutinho se tornou assim um de seus próprios personagens, e transformou suas angústias em performance, como disse Berg. Estas imagens conformam o fio condutor do filme, montado com as entrevistas feitas por Coutinho, no qual transparece o medo do diretor frente à possibilidade de fracasso em fazer um filme que não fosse emocionante. Para Berg, montar o filme sem as intervenções constantes de Coutinho do início ao fim, sem um nome definido, não poderia ser um filme de Coutinho, mas um filme possível, que ao ser concluído por ela e por João Moreira Salles, se define como um filme *com e sobre* Coutinho, como diz Consuelo Lins (2017: 25).

Ao escrever sobre *Últimas Conversas*, Consuelo Lins, estudiosa da obra de Coutinho, retoma a ideia com a qual vinha analisando os documentários do cineasta, reafirmando que em *Últimas Conversas* Coutinho continua a explorar o método e a linguagem do documentário ao limite, deslocando o espaço, afastando-se de uma comunidade ou localidade e focando nos indivíduos, nas histórias que podem contar, estando sempre próximo desses possíveis personagens. Procura, sobretudo, desvendar e confundir “verdades”. As cenas iniciais e finais potencializam o que Coutinho vinha fazendo nos últimos anos desde *Santo Forte* (1999), mostrando como ele se nutria daqueles encontros. Nas palavras de Consuelo Lins,

Fabulação, encenação, performance, linguagem e questões envolvendo o espectador, são dimensões presentes no cinema de Coutinho filmado em ‘locação real’ a serem exploradas e reorganizadas nos filmes em espaços fechados. O que Coutinho parece fazer nesses últimos anos de vida é ‘ensaiar’ a partir da própria obra, intensificando o movimento reflexivo sobre a sua trajetória artística. (Lins, 2017: 31)

“Palavra” foi o nome cogitado para o último filme de Coutinho. Segundo Carlos Nader, o nome teria sido apropriado se levasse em conta que o diretor mantinha um modo próprio e singular de lidar com a linguagem das narrativas que coletava. Para Nader, este modo especial de modelar as palavras na cena fílmica é tão coerente que os documentários dos últimos 15 anos de vida do cineasta poderiam ser vistos como uma única longa metragem.

O segundo livro é dedicado a *Cabra Marcado para morrer (vinte anos depois)*, considerado um dos melhores filmes da cinematografia brasileira, lançado em 1984. Nele Coutinho conta a história de vida do líder camponês nordestino João Pedro Teixeira assassinado pelos órgãos de repressão aos movimentos camponeses durante o regime militar que se iniciou em 1964 no Brasil. Interrompendo as filmagens naquele ano, Coutinho retoma o projeto 17 anos depois e, com base nos depoimentos da viúva do líder camponês, Elizabeth Teixeira, e de camponeses que haviam trabalhado nas filmagens iniciais, faz o filme. Ao comentá-lo, a socióloga Leonilde Sérvalo de Medeiros diz que uma das qualidades de Coutinho é dar voz aos personagens sem subjuga-los à sua autoridade e de sua equipe ou ao modelo de um roteiro pré-definido. Nesse sentido, Medeiros afirma que embora trazendo a história da família Teixeira à tona, Coutinho é o protagonista do filme, uma vez que assume o lugar de “produtor de novos fatos e não apenas narrador”.

Para Flávia Castro, Coutinho constrói o tom do filme articulando a grande com a pequena história, o contexto com as trajetórias. E ao interferir na montagem com a voz *off*, em nenhuma frase ou ideia cede à generalização ou ao maniqueísmo analítico. A autora destaca uma fala de Coutinho em que ele explica seu procedimento: “É um engajamento ético porque eu não tenho que ser leal com os camponeses, nem com os favelados em geral, mas com aquelas pessoas com quem conversei, que podem ser camponeses ou favelados” (Coutinho In Castro 2017: 57). É com a pessoa entrevistada que Coutinho se comprometia, premissa utilizada pela nova geração de cineastas documentaristas brasileiros, que hoje exploram as fronteiras da linguagem documental. Sobre a ética própria de Coutinho, Flávia afirma:

Talvez uma das maiores influências que Coutinho nos deixou esteja no exemplo contínuo da ética na sua relação com os personagens. E como, desde *Cabra*, seus filmes são também o testemunho de seu processo de filmagem, nenhum documentarista brasileiro pode, em sua consciência, ignorá-los. (Castro, 2017: 62).

Seis dias de Ouricuri (1976), produzido quando Coutinho trabalhava para o Globo Repórter, programa de reportagens televisivas, é objeto da reflexão do sociólogo João Ehlert Maia e do roteirista e documentarista Simplício Neto no terceiro livro da série em foco. Segundo Ehlert Maia, o documentário poderia ter guardado apenas um tom jornalístico e sociológico, porém Coutinho cria uma interlocução tão

intensa com os sertanejos e camponeses que o filme alcança configurar a humanidade que se esconde nas condições violentas da seca: se há miséria, há também festa, vida e religiosidade. O autor procura entender o documentário à luz do que define como ‘imaginação da terra’, categoria que expressa “uma forma de interpretar o Brasil a partir de reflexões sobre os sertões e seus personagens” .

Para Neto, o momento de gravação de *Seis dias de Ouricuri* é de experimentação, na qual os traços do cinema verdade e do cinema direto ainda estão presentes, identificando uma “fase inicial” do jovem diretor. A relação dos filmes - que retratavam o sertão brasileiro - é visível tanto em *Cabra Marcado para morrer*, quanto em *Seis dias de Ouricuri*, diz o autor. Aquela experimentação resultou, entretanto, em uma reorientação dos caminhos do Cinema Novo no Brasil, vertente que retratou os dramas dos trabalhadores e das desigualdade sociais, protagonizada por Coutinho.

Ao escrever sobre *Jogo de Cena* (2017) Sandra Kogut diz que a estética de Coutinho “era sua ética”, lembrando como ele se punha ao lado de seus personagens. No caso de *Jogo de Cena*, tanto dos reais como dos fictícios, tentando captar o que havia de humano e único em cada história contada. Em *Jogo de Cena*, mulheres contam as alegrias e tristezas de suas vidas em um estúdio. As histórias são posteriormente interpretadas por atrizes a convite de Coutinho, que monta o filme jogando com os depoimentos e a dramaturgia. E é isso, segundo a cineasta, que faz com que *Jogo de Cena* seja diferente de um filme que busca conclusões sobre a representação ou a verdade de um comportamento.

Isabel Penoni, afirma que *Jogo de cena* ilumina a cena contemporânea do cinema, com elementos da história oral e da psicanálise, intensificando ao máximo o momento em que um personagem conta uma história, o caráter autobiográfico do material colhido e a emoção. Esta proposta põe em xeque uma definição de documentário como um formato que trabalha exclusivamente com a ideia de realidade. *Jogo de cena* toca nos limites desta prática, criando uma característica de gênero indistinto, que parecia já estar presente no resultado de “Cabra...” como uma “meta-narrativa”. Se em “Cabra...” o movimento feito vai da ficção em direção ao documentário, em *Jogo de Cena* é o documentário que caminha em direção à ficção.

Os quatro primeiros livros da série *Eduardo Coutinho ‘visto por’*, publicados três anos após a morte do cineasta, prestam não somente uma homenagem a sua memória, mas contribuem efetivamente para a investigação e o debate crítico sobre a produção fílmica contemporânea brasileira. Fazendo uso de sua liberdade inventiva, Coutinho produziu mais de 30 filmes entre 1960 e 2014, colocando em outro patamar a linha de documentários que vinha sendo produzida desde os anos de 1950, no país. Os livros *Últimas Conversas*, *Cabra Marcado para morrer*, *Seis dias*

de *Ouricuri* e *Jogo de Cena* tem o mérito de evidenciar como o cineasta colocou no centro de seus filmes as falas, os depoimentos, as narrativas de jovens e velhos, camponeses e trabalhadores, favelados, homens e mulheres, despojando as suas histórias de quaisquer tipo de vigilância normativa de natureza analítica ou política. Com isso, os ensaios publicados na série sobre Eduardo Coutinho apontam para a notável engenhosidade de Eduardo Coutinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berg, Jordana; Lins, Consuelo & Nader, Carlos (2017). Últimas conversas. Eliska Altmann & Tatiana Bacal.(orgs.). *Eduardo Coutinho "visto por"*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Medeiros, Leonilde Servolo de & Castro, Flavia (2017). Cabra marcado para morrer. Eliska Altmann & Tatiana Bacal.(orgs.). *Eduardo Coutinho "visto por"*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Maia, João Marcelo Ehlert & Neto, Simplício (2017). Seis dias de Ouricuri. Eliska Altmann & Tatiana Bacal.(orgs.). *Eduardo Coutinho "visto por"*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Penoni, Isabel & Kogut, Sandra (2017). Jogo de Cena. Eliska Altmann & Tatiana Bacal.(orgs.). *Eduardo Coutinho "visto por"*. Rio de Janeiro: 7Letras.

FILMOGRAFIA

APARTAMENTO 608 (2009). Direção: Beth Formaggini. 51 min. Brasil.

Pérola Mathias. Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Av. Brigadeiro Luís Antônio, 2752, São Paulo - SP, Brasil. 01402-000. E-mail:perolavcm@gmail.com

Financiamento: Resenha produzida ao longo do período de desenvolvimento do projeto de pesquisa de doutorado "Arto Lindsay: um artista contemporâneo", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil (CNPq).

Agradecimentos: Às Professoras Gláucia Villas Boas, Tatiana Bacal e Eliska Altmann pelo incentivo à escrita da resenha.

Receção: 19-06-2017

Aprovação: 05-08-2018

Citação:

Mathias, Pérola (2018). Ética, estética e dimensões da existência no cinema, de Eduardo Coutinho. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 1(1), pp. 144-148. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav1n1rec1